



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

GUSTAVO VARGAS OZORIO SILVA

**Vida de Bairro dos Remédios:
Estudo sobre uma vila de dois municípios**

São Paulo
Abril de 2024

GUSTAVO VARGAS OZORIO SILVA

**Vida de Bairro dos Remédios:
Estudo sobre uma vila de dois municípios**

Trabalho de Graduação Individual em Geografia,
apresentado ao Departamento de Geografia da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Orientação: Prof. Amélia Luisa Damiani

São Paulo
Abril de 2024

Nome: Vargas Ozorio Silva, Gustavo

Título: Vida de Bairro dos Remédios: Estudo sobre uma vila de dois municípios

Aprovado em: ____/____/____

Banca:

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós, Jurandir e Cleuza, pelas memórias compartilhadas de forma tão afetuosa, sempre disponíveis em transmitir, com entusiasmo e detalhes sobre suas histórias e orações, das quais me fizeram chegar até aqui.

A minha mãe, professora e geógrafa Sandra, que me inspirou a formação, proporcionou o convívio com a geografia desde a infância e, durante as dificuldades da graduação, ofereceu apoio, aconselhamento e ânimo para continuar.

Ao meu pai, Luís Fernando, minha referência de integridade e caráter. Desde o princípio, me proporcionou exemplo, sustento, e me encorajou a ingressar nos estudos da geografia e em qualquer outra trajetória que me fizesse feliz.

A minha irmã Letícia, que desde sempre, torna os meus dias mais divertidos e alegres. Ter uma irmã para dividir a caminhada é algo que torna a vida melhor.

A minha orientadora, a Professora Dra. Amélia Luisa Damiani, que com carinho e atenção, fez-me encerrar o curso apaixonado pela geografia e com prazer nos estudos. Sua experiência e humildade, tornaram o processo de conclusão de curso mais leve e feliz.

Por último, a Ana Beatriz Santana Vargas, minha amada esposa. Pela paciência, apoio, e amor dispensados incondicionalmente, não só para a conclusão deste trabalho, mas em todas as áreas da existência. Com você a vida vale a pena.

Soli Deo Gloria!

RESUMO

Trata-se de uma análise sobre o histórico de ocupação e desenvolvimento da Vila dos Remédios, um bairro periférico situado no ângulo de confluência entre os rios Tietê e Pinheiros. Aborda sua centralidade enquanto testemunha dos processos de formação da cidade de São Paulo, que incluem a violência contra os indígenas e os aldeamentos paulistas, a forma excludente que se deu à formação da propriedade privada da terra e o poder público como principal facilitador deste processo. Auxilia no entendimento de como se deu a industrialização às margens do Tietê e os impactos que este fenômeno, juntamente com a construção das ferrovias e transformação de sítios e chácaras à margem oposta às indústrias, serviram para sediar trabalhadores pobres como mão de obra barata para as fábricas. Também narra parte do processo de emancipação da cidade de Osasco em relação a São Paulo e como este processo sem consulta à opinião de seus moradores, culminou em insatisfação popular e problemas vivenciados no cotidiano do bairro até os dias atuais. Através de depoimentos de moradores antigos, compõe o entendimento de como se deu a vida de bairro no período e os fatores que levaram ao seu desaparecimento com o passar do tempo.

Palavras-chave:

Vila dos Remédios; Vida de bairro; Região metropolitana; Emancipação de Osasco; Bairros periféricos; Desenvolvimento das indústrias em São Paulo; Rio tietê; Rio Pinheiros

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Topografia da área de confluência entre os rios Tietê e Pinheiros.....	11
Figura 2 - São Paulo - chácaras, sítios e fazendas ao redor do centro.....	25
Figura 3 - Planta do Gram. Burgo da Lapa.....	28
Figura 4 - Balsa sobre o Rio Tietê, 1948.....	29
Figura 5 - Mapeamento SARA 1930 - Vila dos Remédios.....	31
Figura 6 - Avenida dos Remédios na década de 1940.....	31
Figura 7 - Moradores realizando a travessia do Rio Tietê na década de 1940.....	32
Figura 8 - Recorte do mapa da cidade de São Paulo em 1943.....	33
Figura 9 - Etapas de retificação do Rio Tietê.....	34
Figura 10 - Projeto de retificação do Rio Tietê e seu traçado original.....	34
Figura 11 - Fotografia Aérea após retificação do Rio Pinheiros e Tietê.....	35
Figura 12 - Antiga olaria da Vila dos Remédios.....	37
Figura 13 - Moradores da Vila dos Remédios em frente à olaria.....	37
Figura 14 - Extração de areia onde hoje é o “cebolão”.....	38
Figura 15 - Lapa e as vilas satélites.....	39
Figura 16 - Estrada dos Remédios na década de 1960.....	40
Figura 17 - Ponte de tambor destruída pela força das águas.....	41
Figura 18 - Vizinhos de Antônio Agu em 1900.....	41
Figura 19 - Anúncio Materiais para construção Romano S/A.....	45
Figura 20 - Placa que marca a divisa dos municípios de São Paulo e Osasco.....	46

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Ponte dos Remédios e via de acesso a Marginal Pinheiros.....	12
Foto 2 - Residência da primeira metade do século XX ao lado de galpão.....	13
Foto 3 - Residência na Avenida dos Remédios em fase de demolição.....	14
Foto 4 - Terreno de residência recém demolida na Avenida dos Remédios.....	15
Foto 5 - Três Residências em fase de demolição.....	15
Foto 6 - Galpão de máquinas agrícolas ao lado de casa em demolição.....	16
Foto 7 - Residência sendo demolida na Rua Antônio Ayrosa.....	16
Foto 8 - Empreendimento imobiliário em construção na Avenida dos Remédios.....	17
Foto 9 - Parque Vila dos Remédios contrastando com a Marginal Tietê.....	18
Foto 10- Entrada principal do Parque Vila dos Remédios.....	18
Foto 11 - Paróquia Nossa Senhora dos Remédios.....	20
Foto 12 - Colégio Nossa Senhora dos Remédios.....	21
Foto 13 - Avenida dos Remédios Atualmente.....	21
Foto 14 - Rio Tietê visto em fotografia tirada sobre a Ponte dos Remédios.....	36
Foto 15 - Avenida dos Remédios atualmente.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1	
HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DA VILA DOS	
REMÉDIOS.....	22
CAPÍTULO 2	
O BAIRRO FRAGMENTADO: OSASQUENSE OU	
PAULISTANO.....	42
CAPÍTULO 3	
DEPOIMENTOS OCTOGENÁRIOS DA VIDA DE	
BAIRRO.....	46
A Chegada.....	47
A Balsa.....	48
O Rio.....	49
A Ponte.....	49
A Igreja.....	50
Aqui não tinha nada.....	51
Todo mundo se conhecia.....	52
Os Vizinhos.....	52
O Namoro.....	52
O Emprego.....	53
Quando Osasco se emancipou.....	54
Foi progredindo o Remédios.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59

INTRODUÇÃO

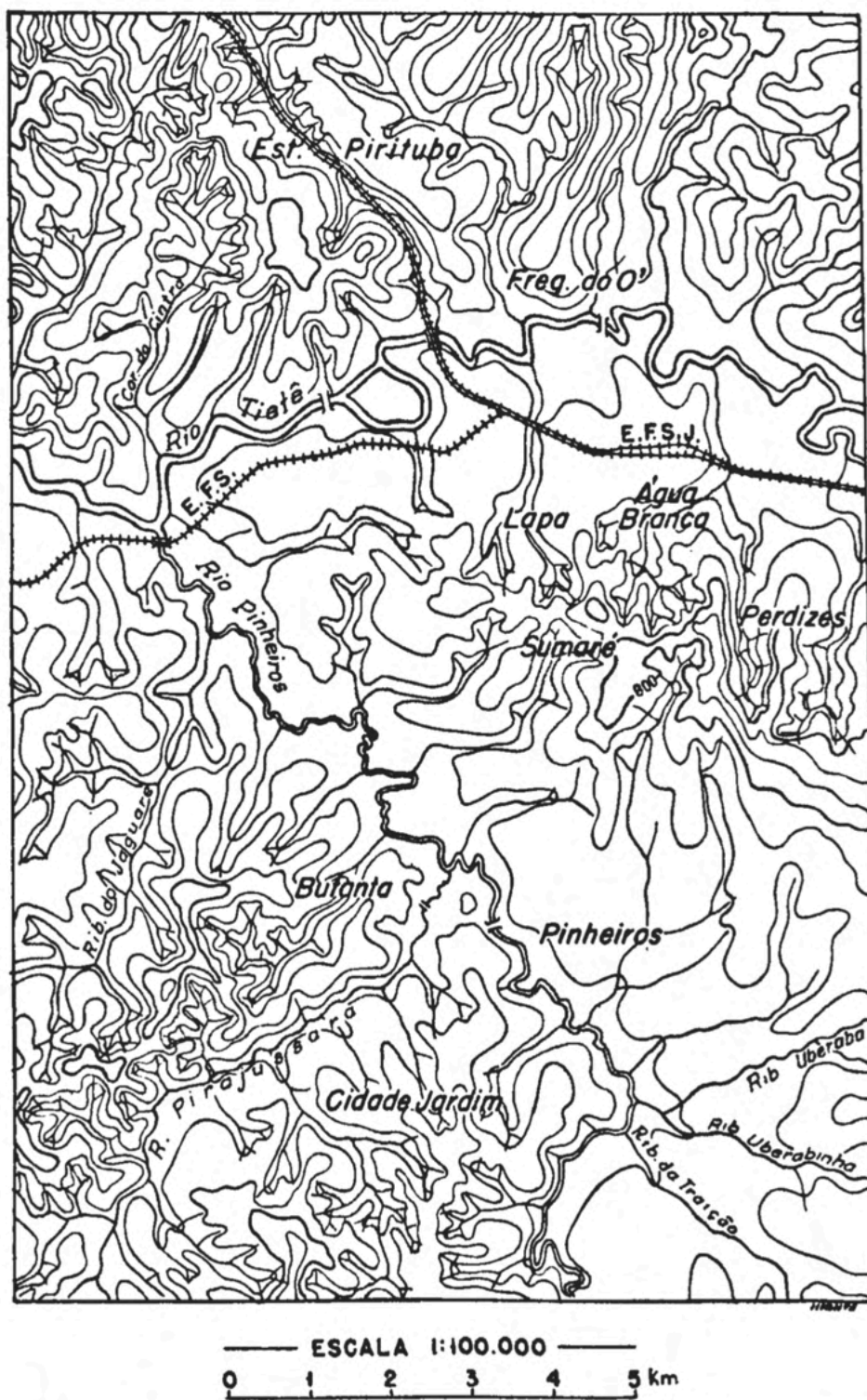
A Vila dos Remédios é um bairro localizado na divisa entre os municípios de São Paulo e Osasco, tendo em seu entorno os bairros: Vila Jaguara, Vila Leopoldina, Presidente Altino e Vila São José. Situada no ângulo gerado pela confluência dos rios Tietê e Pinheiros e, por consequência, nas proximidades de ambas as Marginais, além do início da Rodovia Castelo Branco.

Sendo parte integrante das planícies aluviais do Tietê, a região da vila dos Remédios pode ser enquadrada naquilo que escreveu Ab' Saber, no capítulo “O Sítio urbano de São Paulo”, em colaboração da Obra “A cidade de São Paulo”, sob a direção de Aluísio de Azevedo, descreve:

Na terminologia popular paulistana são compreendidos pelo termo várzeas, todos os terrenos de aluviões recentes, desde os brejais das planícies sujeitas à submersão anual, até às planícies mais enxutas e menos sujeitas às inundações, existentes nas porções mais elevadas do fundo achatado dos vales. Desta forma, as várzeas paulistanas são constituídas por alongadas planícies de relevo praticamente nulo, formadas pelas aluviões holocênicas dos principais rios que cruzam a bacia de São Paulo. A montante da soleira gnáissica do morro de São João, em Osasco, e da pequena soleira representada pelo tabuleiro raso do terraço fluvial de Presidente Altino, tais planícies aluviais recentes interpenetram-se pelo Tietê e Pinheiros e pelos baixos vales de seus afluentes principais, conservando uma largura não excedente de 3 km. (SABER, 1958, p. 209)

O mapa a seguir, também presente na obra coordenada por Azevedo, tinha o intuito de produzir um descritivo completo sobre a cidade de São Paulo, contemplando a área de confluência do Tietê-Pinheiros e representando as características topográficas presentes na região da Vila dos Remédios.

Figura 1: Mapa contendo a topografia da área de confluência entre os rios Tietê e Pinheiros.



Topografia da região de São Paulo, na área de confluência dos vales do Tietê e Pinheiros (Fragmento extraído da "Fôlha de São Paulo", da Comissão Geográfica Geológica do Estado, 1889).

Fonte: A cidade de São Paulo- Aroldo de Azevedo, p. 212.

Sua principal via de entrada é a Ponte dos Remédios, que sobrepõe o Rio Tietê e dá acesso à Avenida dos Remédios, local que concentra os principais comércios disponíveis para os moradores da vila. Além da proximidade com as marginais e ao CEAGESP, que geram alto impacto na dinâmica e configuração do bairro, também está próximo aos acessos das rodovias Castelo Branco e Anhanguera que, devido às suas integrações com o Rodoanel, também proporcionam fácil acesso para a Rodovia Raposo Tavares e Régis Bittencourt, assim como a Rodovia dos Bandeirantes.

Tal cercania a algumas das rodovias de maior fluxo de São Paulo, faz com que o bairro tenha diversos comércios que atendem ao mercado de transportes rodoviários, como transportadoras, oficinas de caminhões, venda de peças, estacionamentos, e galpões intermediários que marcam a paisagem e atraem para as ruas do bairro um fluxo de caminhões maior do que o comumente observado em uma vila deste porte.

Foto 1: Ponte dos Remédios, ligando a Vila dos Remédios a Vila Leopoldina. Estrutura marca o fim da Marginal Tietê e o início da Rodovia Castelo Branco. Ao lado esquerdo da imagem o “cebolão”, Via de acesso à Marginal Pinheiros.



Fonte: Produção própria, 2024

Em constante transformação, as antigas residências têm sido rapidamente demolidas para dar local à construção de galpões, assim como para empreendimentos verticais de residências unifamiliares. Os primeiros loteamentos, seguiam um padrão comumente encontrado nos bairros “além-tietê”. Até a primeira metade do século XX, predominavam as casas térreas, construídas próximas à rua e em grandes terrenos, os quais permitiam o cultivo de árvores frutíferas e a circulação doméstica. Semelhante ao que descreve Seabra sobre a arquitetura presente no bairro do Limão:

As casas até a terceira década do século, eram construídas à beira da rua, com quintais grandes, e, em geral, não tinham muros. Logo, a vida da casa estava voltada para fora, e o fora era o lugar de todos, dir-se-ia hoje, era o público. Enquanto os fundos sem muro permitiram um tipo de circulação mais ‘doméstica’. (SEABRA, 2000, p.14)

Foto 2: Residência da primeira metade do século XX e ao lado, galpão em área que anteriormente pertenceu a casa semelhante.



Fonte: Produção própria, 2024.

Foto 3: Residência na Avenida dos Remédios em fase de demolição.



Fonte: Produção Própria, 2024.

Foto 4: Terreno de residência antiga e recém demolida na Avenida dos Remédios revela o tamanho dos loteamentos do bairro. Ao fundo, condomínios de prédios.



Fonte: Produção própria, 2024.

Foto 5: Três residências em fase de demolição na Avenida dos Remédios.



Fonte: Produção própria, 2024.

Foto 6: Galpão de máquinas agrícolas ao lado de casa em fase de demolição próximo à Ponte dos Remédios. Ao fundo, prédio residencial recém inaugurado.



Fonte: Produção própria, 2024.

Foto 7: Residência sendo demolida na Rua Antônio Ayrosa.



Fonte: Produção própria, 2024.

Foto 8: Empreendimento imobiliário em construção na Avenida dos Remédios.



Fonte: Produção própria, 2024

Em contraste aos caminhões que passam pela vila com destino a diversos locais de São Paulo, o Remédios também abriga uma área verde conservada, onde é possível avistar 57 espécies de aves e 153 espécies de plantas vasculares: O Parque da Vila dos Remédios.

Com uma área de 11 hectares, o parque desempenha um papel importante na região. Como uma das últimas áreas verdes remanescentes do entorno, o anteriormente chamado “bosque das freiras”, foi propriedade da Congregação Franciscana Filhas da Divina Providência até o ano de 1976, quando foi doado para a prefeitura de São Paulo para o estabelecimento do parque. Atualmente faz parte do conjunto de patrimônio natural do Estado de São Paulo e conta com espécimes de “cedro (*Cedrela fissilis*), palmito-jussara (*Euterpe edulis*), pau-brasil (*Paubrasilia echinata*) e pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*)” conforme aponta o site da prefeitura.

Foto 9: Parque Vila dos Remédios, ao centro da imagem, contrastando com a Marginal Tietê e galpões de transporte.



Fonte: Produção própria, 2024

Foto 10: Entrada principal do Parque Vila dos Remédios.



Fonte: Produção própria, 2024.

De perfil socioeconômico de classe média baixa, a Vila dos Remédios carrega traços comumente encontrados nas periferias das grandes cidades e, especificamente na cidade de São Paulo, ajuda a compor e validar a “modernidade incompleta”, termo utilizado por Milton Santos, para de definir a situação encontrada na metrópole paulista onde “se justapõe e se superpõe traços de opulência, devidos à pujança da vida econômica e suas expressões materiais, e sinais de desfalecimento, graças ao atraso das estruturas sociais e políticas”.

Nesta dissertação, será analisado o histórico de formação da Vila dos Remédios, trazendo sua participação como parte da cidade de São Paulo, testemunhando e exercendo papel de centralidade nos processos de repressão e cerceamento da liberdade indígena, através da formação dos aldeamentos do entorno e a formação da propriedade privada da terra, até culminar no desenvolvimento industrial, a emancipação de Osasco e fragmentação administrativa do território.

Apresentarei o depoimento de moradores octogenários que testemunharam muitos dos eventos aqui narrados, como objeto de estudo das vivências coletivas e a vida de bairro, extinta nos Remédios atualmente. Imagens colhidas em comunidades virtuais, que fazem parte dos arquivos pessoais de diversos moradores, compõem a pesquisa e colaboram juntamente com fotos autorais e tiradas durante o processo de escrita desta monografia, à compreensão do modo de vida. Com o objetivo de trazer um bairro periférico e pouco conhecido ao centro do debate, será possível observar a importância do conhecimento geográfico no cotidiano e a experiência de produzir um material do local que participou da vida de quatro gerações que me antecedem.

Foto 11: Paróquia Nossa Senhora dos Remédios. A Igreja marcou a fundação da vila e hoje está em sua terceira construção.



Fonte: Produção própria, 2024.

Foto 12: Colégio Nossa Senhora dos Remédios. A escola pertence à paróquia dos Remédios e foi a primeira escola do bairro.



Fonte: Produção própria, 2024.

Foto 13: Avenida dos Remédios atualmente. O local faz divisa entre as cidades de Osasco e São Paulo.



Fonte: Produção própria, 2024.

CAPÍTULO 1 - HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DA VILA DOS REMÉDIOS

Ao observarmos o histórico de formação da Vila dos Remédios, nos restam poucos ou nenhum material físico que seja testemunha dos acontecimentos por um período superior a uma vida humana, conforme afirma Benedito Lima de Toledo, também citado por Milton Santos (1990 p.16), onde destaca que :

A velocidade é tão grande, a ponto de apagar, no espaço de uma vida humana, o ambiente de uma geração anterior: os jovens não conhecem a cidade, onde, jovens como eles, viveram os adultos. Assim, as lembranças são mais duradouras que o cenário construído e não encontram nele um apoio e um reforço (TOLEDO, 1980)

Pois, apesar de sua fundação oficial ter ocorrido apenas no ano de 1872, para compreendermos a Vila dos Remédios, é importante retornarmos ao ano de 1590, período em que estava em vigor uma estratégia colonizadora de escravização indígena, a qual infelizmente marcou a fundação da cidade de São Paulo, e o bairro que é nosso objeto de estudo. Conforme descreve Pasquale Petrone, em sua obra “Aldeamentos Paulistas”:

Durante um período longo de mais de um século, os colonos do Planalto Paulistano mantiveram em seu poder indígenas que os serviam em todas as atividades, passando-os para os filhos em seus testamentos, pagando dívidas com eles, dando-os como dotes em casamento, vendendo-os até. A Lei declarava esses indígenas livres, insistindo de forma reiterada nessa tecla; os colonos os consideravam, ou melhor, os denominavam peças forras ou serviços forros; na realidade tratava-se de escravos.(PETRONE, p. 83, 1995):

Como consequência a este trágico e conflituoso momento histórico, as frequentes “invasões” indígenas à cidade fez com que a câmara municipal de São Paulo decidisse em 11 de abril de 1590, que fosse construída uma fortaleza, com intuito de controlar aqueles que atravessavam a margem do Rio Tietê a fim de ingressar na região do Emboaçava. Nome este que foi batizado pelos índios Guaianazes e significava “passagem”, devido a região promover o acesso do Jaraguá ao caminho da Vila de São Paulo, local que hoje compreende a região da Lapa.

No entendimento da época, essa construção era essencial à proteção de São Paulo, pois, se algum “inimigo” conseguisse transpassar o Emboaçava, teria livre acesso à vila e o “ataque” seria inevitável. Este fato demonstra como a região da Vila

dos Remédios assumiu um papel de centralidade nas estratégias de colonização no período, fazendo com que a estrutura ali estabelecida servisse aos interesses de subjugação e dominação dos indígenas que habitavam a região, já que os colonos recém chegados consideravam que os povos originários deveriam ser tutelados e eram incapazes de conduzir-se, como descreve Petrone:

As necessidades que os colonos experimentavam, conduzindo-os a utilizar-se do gentio, adquiria uma cobertura moral no fato de este ser considerado incapaz de conduzir-se, inapto para a existência civil no seio de cristãos, sendo necessário ser orientado, ser tutelado, só produzindo sendo solicitado. (PETRONE, p.83, 1995).

O relato presente na obra “Lapa”, de Wanderley dos Santos, descreve com linguagem inapropriada a forma violenta em que os interesses envolvidos nesta estratégia atuaram para segregar as populações originárias de circular pela área, não respeitando sua área de subsistência e validando um plano orquestrado em defesa do processo sanguinário que se deu a formação das propriedades na cidade de São Paulo:

A insegurança dos paulistanos. aflitos com as ameaças dos gentios, fez com que os vereadores da Câmara Municipal deliberassem terminantemente, em 11 de Abril de 1590, a edificação de uma fortaleza e tranqueira no Emboaçava. em defesa e segurança da Vila de São Paulo. Esta fortaleza foi feita com recursos próprios da câmara , entre os caudalosos rios Tietê e o Pinheiros. construindo-se uma muralha para as que ali então residissem. (SANTOS, 1980, p.16).

O trecho acima, carregado de preconceito, expõe a lógica de segregar àqueles indígenas que não eram participantes da dinâmica dos aldeamentos implementados pelos jesuítas, trazendo a tona a dicotomia presente na psicologia dos colonos, uma oposição entre o status social da vida na cidade e a inferiorização das aldeias da “não-cidade”, afirma Petrone:

Pertencer aos quadros urbanos como cidadão, pois assim deve entender-se o “viver na cidade”, implica uma valorização em função do status social decorrente e, necessariamente, uma inferiorização dos quadros rurais, inclusive dos núcleos rurais. Rotular de aldeia a taba indígena constitui, sem dúvida, uma forma de expressar essa diferença de status, transpondo para a terra nova um típico rótulo da vida rural portuguesa. A aldeia indígena é, em consequência, dentro da psicologia do colono, a não-cidade, não apenas porque é expressão de vida rural, mas sobretudo porque está longe de fornecer condições de prestígio que só a cidade, mesmo que modestíssimo embrião de aglomerado urbano, pode fornecer. (PETRONE, p. 104, 1995)

Esta inferiorização dos indígenas que validava a segregação e justificava a construção da fortaleza próxima aos Remédios a fim de impedir a livre circulação dos que ali residiam muito antes da chegada dos colonos, foi fruto de uma visão eurocêntrica que, por consequência, validava a dominação do espaço para seu proveito econômico e colocava o Indígena no papel de pária, continua Petrone:

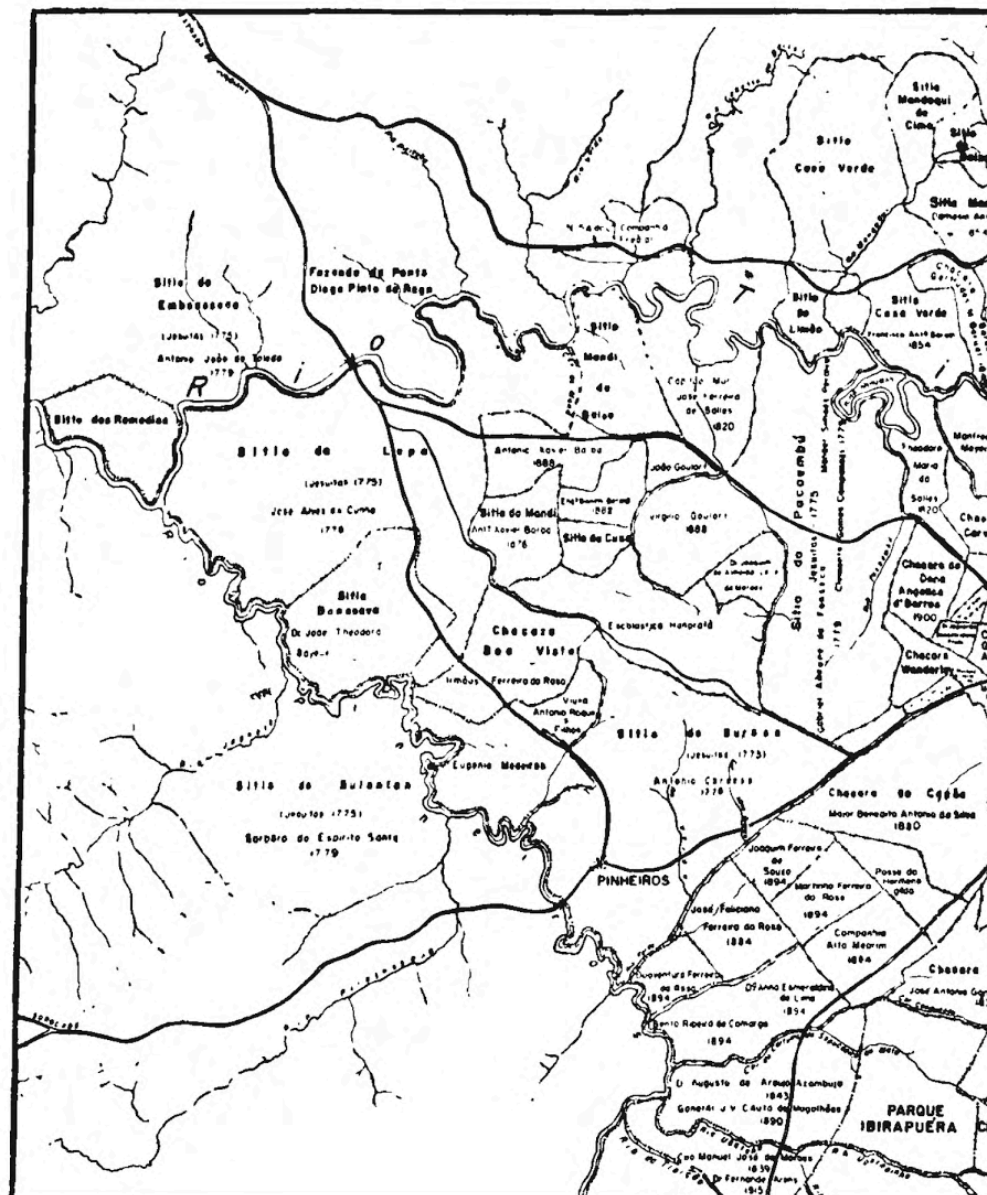
Na verdade, a distinção é fruto de uma diferenciação social marcada, ao mesmo tempo, por uma hierarquia econômica e por uma particular condição dos grupos étnicos em contacto. O europeu é o cidadão, constitui a classe dos homens que possuem o poder, impondo-se socialmente porque é o conquistador e aquele que organiza o espaço econômico para seu proveito. O indígena, dentro da sociedade particular que se definiu no Planalto Paulista, ou é o escravo, ou é uma espécie de servo da gleba, um pária, de qualquer forma.(PETRONE, p.104, 1995)

É possível afirmar que esta fortaleza construída por ordem da câmara, é próxima a atual ponte dos Remédios, no ângulo de confluência dos rios Tietê e Pinheiros, conforme aponta Wanderley dos Santos:

Situava-se no ângulo formado pela confluência dos rios Tietê e Pinheiros, nas imediações da atual ponte de ligação Lapa e Vila dos Remédios, de acordo com pesquisas realizadas por Plínio Airoso, quando buscava a razão do topônimo Emboaçava . E, fora ali descoberta, tomada por grandes blocos de pedras, constituindo uma ponte natural, que ligava as duas margens, a que permitia a travessia a pé durante longos períodos do ano, este lugar era considerado ponto estratégico.(SANTOS, 1980, p.17)

A figura a seguir elucida a localização do sítio dos Remédios no ângulo de confluência entre os rios tietê e pinheiros, em um terreno inserido ao sul do sítio do Emboaçava, propriedade Jesuíta fundada em 1775, assim como o sítio da Lapa a margem esquerda do Tietê. Na figura também podemos observar, próximo aos Remédios, a presença da “fazenda da ponte”, propriedade de Diogo Pinto do Rêgo, que exerceu cargo de capitão-môr de São Paulo de 1691 à 1692, conforme relação de governantes e donatários da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

Figura 2 - O Mapa “São Paulo - chácaras, sítios e fazendas ao redor do centro” mostra o sítio dos remédios, próximo ao sítio do Emboaçava e o sítio da Lapa, território jesuíta datado de 1775.



Fonte: AZEVEDO, Aroldo de. “ A Cidade de São Paulo - Estudos de geografia urbana. Volume 2. A evolução urbana.” Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1958

Segundo a dissertação de mestrado “A fazenda geral dos Jesuítas e o monopólio de passagem do Cubatão 1553-1748” de Francisco Rodrigues Torres, Diogo Pinto do Rêgo recebeu tais terras da companhia de Jesus através de uma declaração que comprovava a sua “limpeza de sangue, linhagem ou ausência de bastardia”, de acordo com Torres:

Declarações como esta eram utilizadas em processos onde o peticionário necessitava comprovar limpeza de sangue, linhagem ou ausência de bastardia em sua ascendência. Recorria-se a tal instrumento, também, para obtenção de algum cargo público. No caso em tela, Diogo Pinto do Rego recorreu aos jesuítas para obter a declaração. Posteriormente, os caminhos de Diogo Pinto do Rego e a Companhia de Jesus se cruzaram novamente. Houve o negócio que permitiu à Companhia permutar um terreno situado em São Paulo com as terras pertencentes a Diogo Pinto, em Cubatão. (TORRES, 2008, p. 72)

A região, fazia parte das propriedades ligadas aos Jesuítas, que foram detentores de diversas propriedades rurais que antecederam a formação da cidade enquanto metrópole. Conforme destaca Juergen Richard Langenbuch no capítulo “Os arredores paulistanos em meados do século XIX”, a região do Emboaçava fazia parte desse conglomerado de terras pertencentes ao grupo e foram citadas em um importante mapa que ajuda a compreender o período:

Além das fazendas em que se localizavam os aldeamentos de Itaquaquecetuba, Itapeperica, Embu e Carapicuíba, a ordem havia sido detentora de outras propriedades. O já citado mapa “São Paulo - chácaras, sítios e fazendas, ao redor do centro (desaparecidos com o crescer da cidade)” assinala como tais: fazenda Santana, Sítio do Pacaembú, Sítio do Buraco, Sítio do Butantan, Sítio da Lapa e Sítio do Emboaçava. (LANGENBUCH, p. N+8, 1968).

Posteriormente, muitos destes locais “ao redor do centro”, que possuem povoamento em data anterior à formação da metrópole, ficaram em situação contrastante em relação a estruturas e marcadores de desenvolvimento em comparação com outras regiões da cidade. Apesar de possuírem uma datação antiga, a exemplo da Vila dos Remédios, este grupo de arredores paulistanos mantiveram por muitos anos, as seguintes características mencionadas por Langenbuch:

Os aglomerados, mesmo os que tinham predicamento de vila e cidade, eram bastante modestos, contrastando em seu tamanho e importância com a cidade de São Paulo, apesar das pequenas dimensões apresentadas por esta. Entre as funções urbanas destes aglomerados dos arredores paulistanos, aparecem ao lado da prestação de serviços à circulação, a de prestação de serviços à população rural, a político-administrativa e a religiosa. (LANGENBUCH, p. N+84, 1968)

Portanto, é possível observar que estes conglomerados, até meados do século XIX, não desempenhavam função social que resultasse em investimentos

significativos de infraestruturas e presença do poder público, sendo a “decadência” uma presença observada em todo o território, como continua Langenbuch:

A decadência era mais comum que o progresso nos aglomerados dos arredores paulistano, em sua maior parte muito antigos, datando dos primórdios da colonização, tendo em parte perdido a sua razão de ser, e em parte sido, ofuscados pelo desenvolvimento de São Paulo. (LANGENBUCH, p.N+84, 1968).

Prova disso é a descontinuidade urbana entre a Vila dos Remédios e o restante da cidade, representada pela figura abaixo em relação ao Grão Hamburgo da Lapa em 1890. Nele é possível notar que até mesmo a região da Vila Leopoldina, bairro que atualmente estabelece forte conexão de infraestrutura urbana de transporte ferroviário, fluxo de pessoas e de serviços, era descrita como “mata”, e a Vila dos Remédios, nem sequer foi representada.

O mapa ilustra bem em relação a um fenômeno comumente observado na constituição da cidade de São Paulo, na qual os vazios urbanos foram sistematicamente mantidos, com intuito de que as terras não utilizadas servissem com fins especulativos. Como exemplo disso, observamos a Vila Leopoldina, com ocupação datada em período posterior à Vila dos Remédios, e que posteriormente, sediou diversas empresas e hoje, está no epicentro da especulação imobiliária da cidade de São Paulo. Conforme escreveu Caio Prado Jr. e destacado por Milton Santos

(...)surgindo como surgiram da noite para o dia, ao acaso das conveniências ou oportunidades da especulação, não são (os bairros), em regra, contínuos, sucedendo-se ininterruptamente, como seria em uma cidade planejada: espalham-se por aí à toa, fazendo de São Paulo, nestes setores mais afastados do centro, uma sucessão de áreas urbanizadas, com interrupção de outras completamente ao abandono, onde, muitas vezes, nem ao menos uma rua ou caminho transitável permite o acesso direto. (SANTOS, p. 31, 1990)

Figura 3: Planta do gram. Burgo da Lapa, detalhando o plano de arruamento central do bairro em 1891



Fonte: São Paulo Antiga, 2017.

Figura 4: Balsa sobre o Rio Tietê, 1948. Tinha intuito de realizar a travessia dos moradores da Vila dos Remédios para a Vila Leopoldina.



Fonte: Grupo Fotografia Em Osasco, postada por Duda Du.

À margem direita do Rio Tietê, distante 14 quilômetros da Sé, estava o Sítio dos Remédios, propriedade que recebeu este nome devido à quantidade de ervas medicinais presentes no local e que abrigou a Irmandade da Imaculada Conceição do Sítio dos Remédios, conforme levantamento histórico realizado pelo jornal primeira hora, sob a direção do jornalista Antônio Roberto Espinosa. O jornalista também foi professor de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo e ex-revolucionário dirigente da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), ao lado de Carlos Lamarca e de Dilma Rousseff. Na edição de Agosto de 1991, o Primeira Hora destaca a seguinte narrativa:

Documentos dão conta de que em 1854 (quarenta anos antes, portanto, do pioneiro Antônio Agu se instalar em terras osasquenses) já existe no local a Irmandade da Imaculada Conceição do Sítio dos Remédios. Segundo se conta entre os moradores mais antigos, que por sua vez ouviram tais histórias de seus pais e avós, a irmandade adorava à santa em uma capela feita de pau-a-pique, onde atualmente se localiza o Real Clube, na Praça Nossa Senhora dos Remédios. (PRIMEIRA HORA, 1991)

O artigo ainda complementa em relação a formação do sítio dos Remédios que em sua origem, *“seus moradores ergueram um pequeno templo, de cerca de 80 m2. Não se sabe precisar a data dessa construção -- algo entre os anos de 1862 e 1876, mas em tomo dela surgiria a Vila dos Remédios”* (Primeira Hora, 1991).

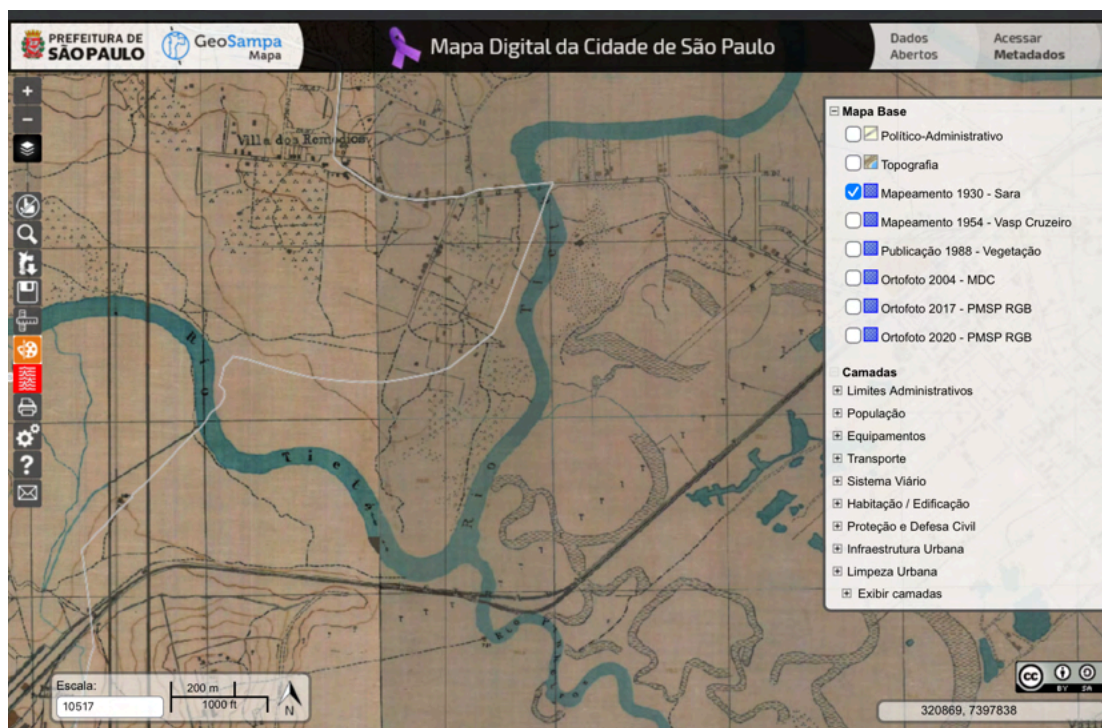
Entre os anos de 1915 a 1940, a especulação imobiliária atuava de maneira sistemática na cidade de São Paulo, fazendo com que parte da população funcionalmente urbana, fosse se instalando próxima às ferrovias, e por muitas vezes, na margem oposta do rio, conforme afirma Langenbuch, estas áreas de porção externa a cidade, por antítese foram categorizadas como “porções suburbanas”.

Durante este período, a vila dos remédios, por estar localizada próxima à estação ferroviária Imperatriz Leopoldina e às novas instalações industriais do bairro vizinho de mesmo nome, passa a ter um crescimento em grande escala de sua função residencial, nos padrões descritos por Langenbuch em que:

Uma das características mais marcantes de desenvolvimento suburbano é o aparecimento em grande escala da função residencial, antes apenas embrionária. Já salientamos atrás, que a suburbanização residencial foi propiciada, em grande parte, pelo modo como se desenvolve a cidade. Especulação imobiliária exagerada expulsando, por assim dizer, uma parcela da população funcionalmente urbana para fora da cidade, e industrialização junto às ferrovias tornando vantajosa à cidade. Em ambos os casos, aliás largamente superpostos, a suburbanização residencial abrange sobretudo pessoas de categoria socioeconômica modesta. (LANGENBUCH, p. F+7, 1968).

A confirmação deste desenvolvimento populacional no período é a primeira aparição da Vila dos Remédios em um mapa oficial da cidade de São Paulo, o “Sara-Brasil” de 1930, na qual dezenas de novos loteamentos foram representados, Langenbuch (1968, p. F+8) menciona a aparição: “A Oeste do Rio Pinheiros figuram: Cidade Jardim, Butantã, Caxingui, Vila Gomes e Presidente Altino. Ao norte do Tietê, entre Osasco e Pirituba, já existem os loteamentos Vila Remédios, Vila Jaguará e Vila Mangalot.”

Figura 5: Vila dos remédios é representada pela primeira vez em mapa da prefeitura de São Paulo, confeccionado pela empresa SARA, sendo o pioneiro utilizando técnicas de aerofotogrametria, trazendo um compilado de registros feitos entre 1928 a 1933 pela empresa italiana Societá Anônima de Rivelamenti Aerofotogrammetrici - SARA.



Fonte: GeoSampa. Consultado em 14 de fevereiro de 2024 às 17h.

Figura 6: Avenida dos Remédios na década de 1940.



Fonte: Blog do cebolinha.

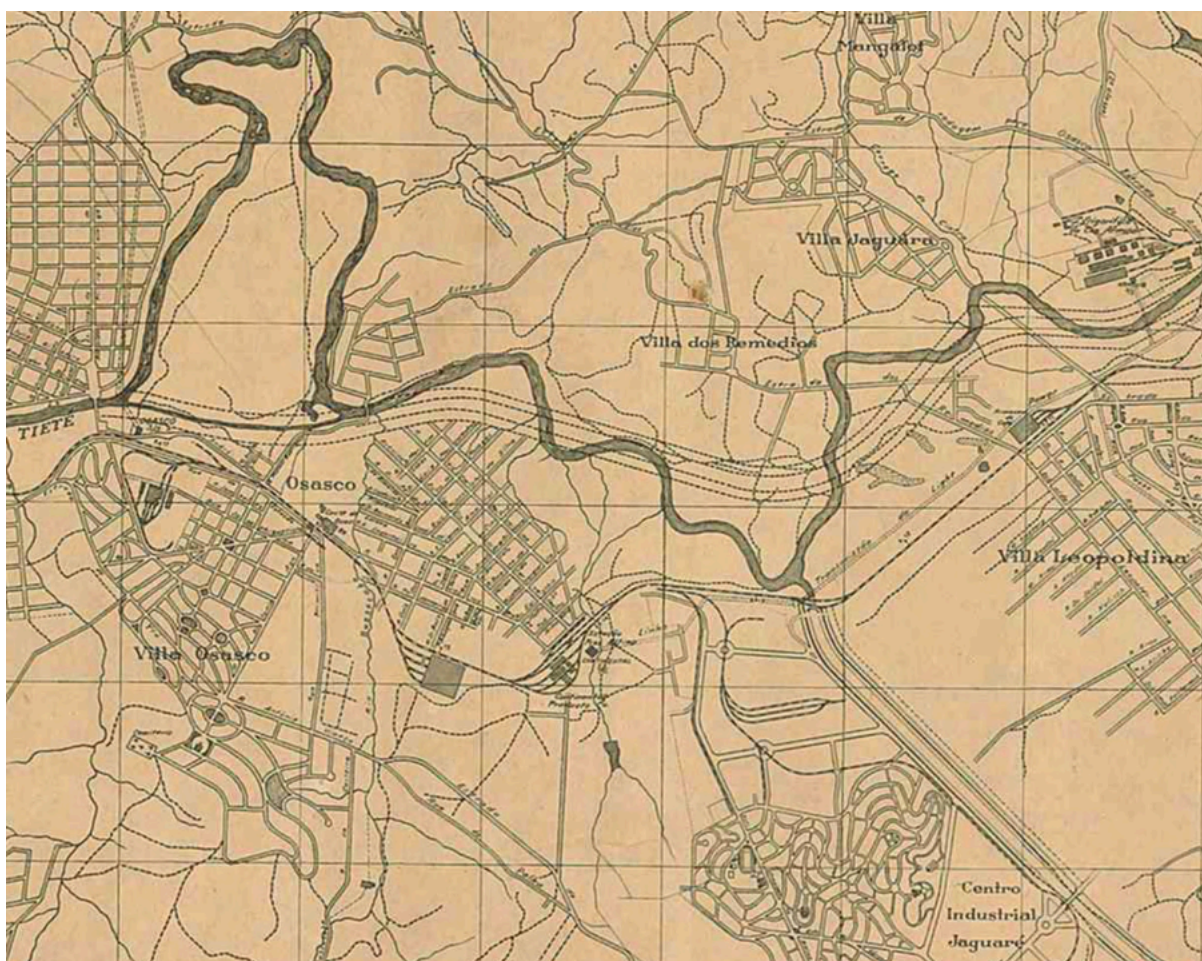
Figura 7: Moradores da Vila dos Remédios realizando a travessia do Rio Tietê. Década de 1940.



Fonte: Grupo Fotografia em Osasco.

No ano de 1943, podemos observar novamente a presença da Vila dos Remédios em um mapa oficial da cidade de São Paulo, O Rio Pinheiros foi retificado e está nomeado como Canal do Rio Pinheiros. Enquanto o Rio Tietê permanece com seus meandros naturais, mas com seu projeto de retificação previsto em pontilhado. Também há o aparecimento da Vila Leopoldina e a cidade de Osasco é chamada de Vila Osasco.

Figura 8: Recorte do mapa da cidade de São Paulo de 1943. A vila dos Remédios é contemplada com sua área original 3 anos antes do início das obras de retificação do Rio Tietê.



Fonte: Prefeitura de São Paulo, 1943.

O trecho abaixo, presente na obra de Azevedo, contém uma solicitação de 1921, do prefeito Firmiano Pinto ao presidente da república Washington Luiz, a fim de que prestasse apoio ao município para executar as obras de retificação do Rio Tietê, pois seu formato não permitia o “escoamento aos detritos dos esgotos” além das inundações presentes na região, sazonalmente observada pelos moradores da Vila dos Remédios:

Na estação calmosa, em que o rio chega ao mínimo de suas águas, estas quase são insuficientes para dar escoamento aos detritos dos esgotos ; e na estação das cheias acontece o que ultimamente se observou, com as inundações completas da várzea e partes mais próximas do rio, cujas águas invadiram ruas e casas, chegando até a passar por cima de ruas e pontes e tudo por causa da sinuosidade de seu curso (AZEVEDO, p. 57, 1958)

Figura 11: Fotografia aérea após a retificação do Rio Pinheiros e Tietê. Muitos terrenos próximos a várzea dos rios ainda não foram ocupados e não havia sido construído o pontilhão que faz a conexão entre as marginais, chamado popularmente de “cebolão”, assim como a inexistência da Rodovia Castelo Branco, que tem seu início na Vila dos Remédios.



Fonte: Fotografia em Osasco, postagem de José Maurício.

Foto 14: Rio Tietê visto em fotografia tirada sobre a Ponte dos Remédios.



Fonte: Produção própria, 2024.

Até a década de 1960, as áreas da Vila dos Remédios que eram mais próximas do Rio Tietê, representavam um padrão comumente observado na cidade de São Paulo. A área era pouco habitada e anualmente participavam das inundações cíclicas que a bacia do Tietê testemunhava, fazendo com que esta região fosse marcada pela presença de bancos de areia e olarias, que forneciam insumos para abastecer o acelerado crescimento da região metropolitana. Além disso, os campos de futebol com times locais eram muito comuns e presentes na vida da comunidade, dando explicação a origem do termo “futebol de várzea”. Conforme observado de forma semelhante no bairro do Limão, Odette Seabra descreve a cultura da região em torno do esporte:

Muitos caminhões que, pelos anos quarenta, carregavam tijolos, areia, lenha para queimar nos fornos de olarias e também para uso doméstico, circulavam com jogadores e torcidas, aos domingos, percorrendo a trama que o futebol de bairro tecia. O futebol de bairro em São Paulo foi identificado como futebol de várzea porque a cidade fora sendo formada e crescera no ângulo de confluência do Tietê e do Pinheiros; num primeiro momento, na colina entre o Tamanduateí e o Anhangabaú, mas já na virada do século, a cidade alcançara as várzeas daqueles rios, dispondo de ampla superfície de inundação. (SEABRA, p. 15, 2000)

Figura 12: Antiga Olaria da Vila dos Remédios.



Fonte: Blog Hagop garage. Foto de coloração digital. (JRP, 2023)

Figura 13: Moradores da Vila dos Remédios em frente à olaria.



Fonte: Blog Hagop garage. Foto de coloração digital. (JRP, 2023)

Figura 14: Extração de areia onde hoje é o “cebolão”.



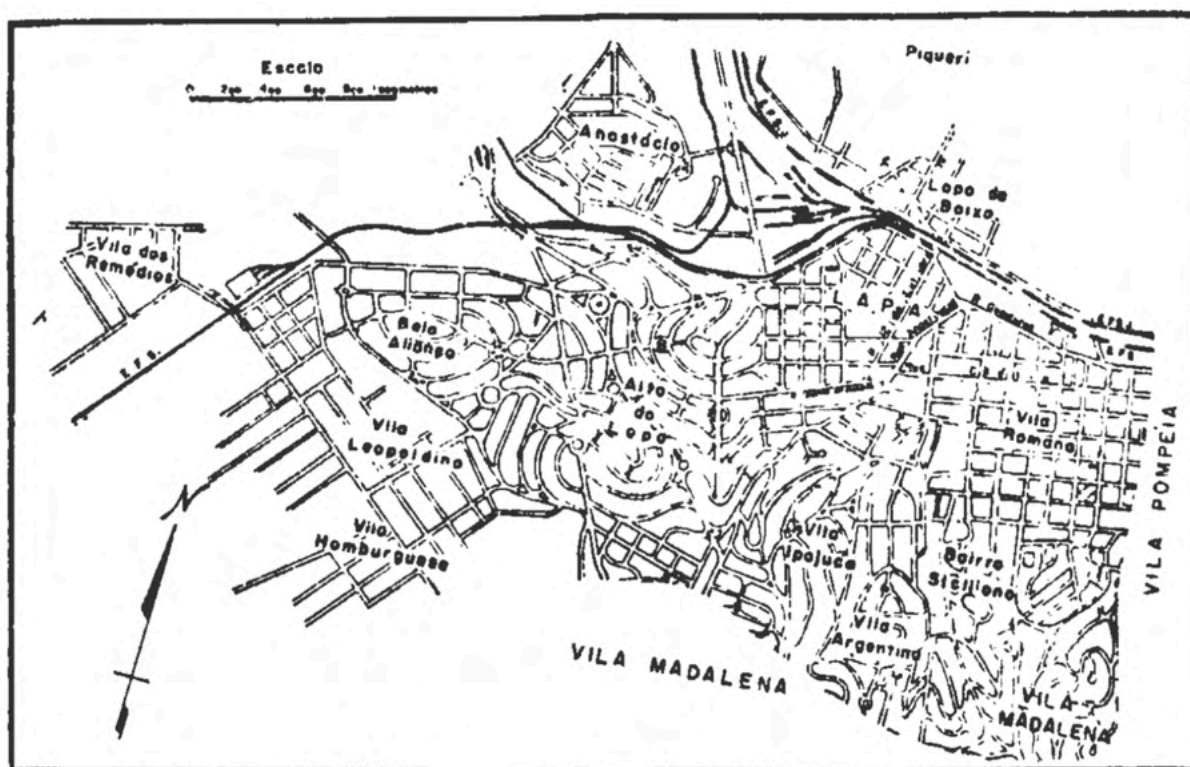
Fonte: Grupo Remédios de todos os tempos. Postado por Reinaldo Domingos.

Conforme colaboração escrita por Eliana O. Santos na obra de Azevedo, regiões como a da Vila dos Remédios, ou seja, áreas da cidade que estão a margem direita do Tietê, são consideradas por ela como alheias à dinâmica da cidade de São Paulo:

Por suas águas sonolentas não trafegam senão raras embarcações a conduzir areia, pedregulho ou tijolos. Dentro do organismo da cidade, sacudido por uma atividade febril, o vale do Tietê, salvo em raríssimos casos, aparece como se fôra um trecho morto, vazio, hostil ao homem. (AZEVEDO, p. 46, 1958)

Durante a década de 1960, o bairro era categorizado como “Vila Satélite da Lapa”, Azevedo descreve (1958, p.359) como “vilas menores tipicamente operárias que sucedem-se no rumo do Tietê”, conforme mapa a seguir, presente na mesma obra.

Figura 15: No mapa acima “Lapa e as vilas Satélites”, observamos a Vila dos Remédios, Tendo a representação de apenas uma conexão com demais áreas da cidade de São Paulo, através da Ponte dos Remédios, que transpassa o Rio Tietê e dá acesso a Vila Leopoldina, bairro que por muitos anos sediou diversas indústrias das quais empregavam boa parte dos trabalhadores da Vila dos Remédios, gerando um fluxo de pessoas contínuo entre os dois bairros.

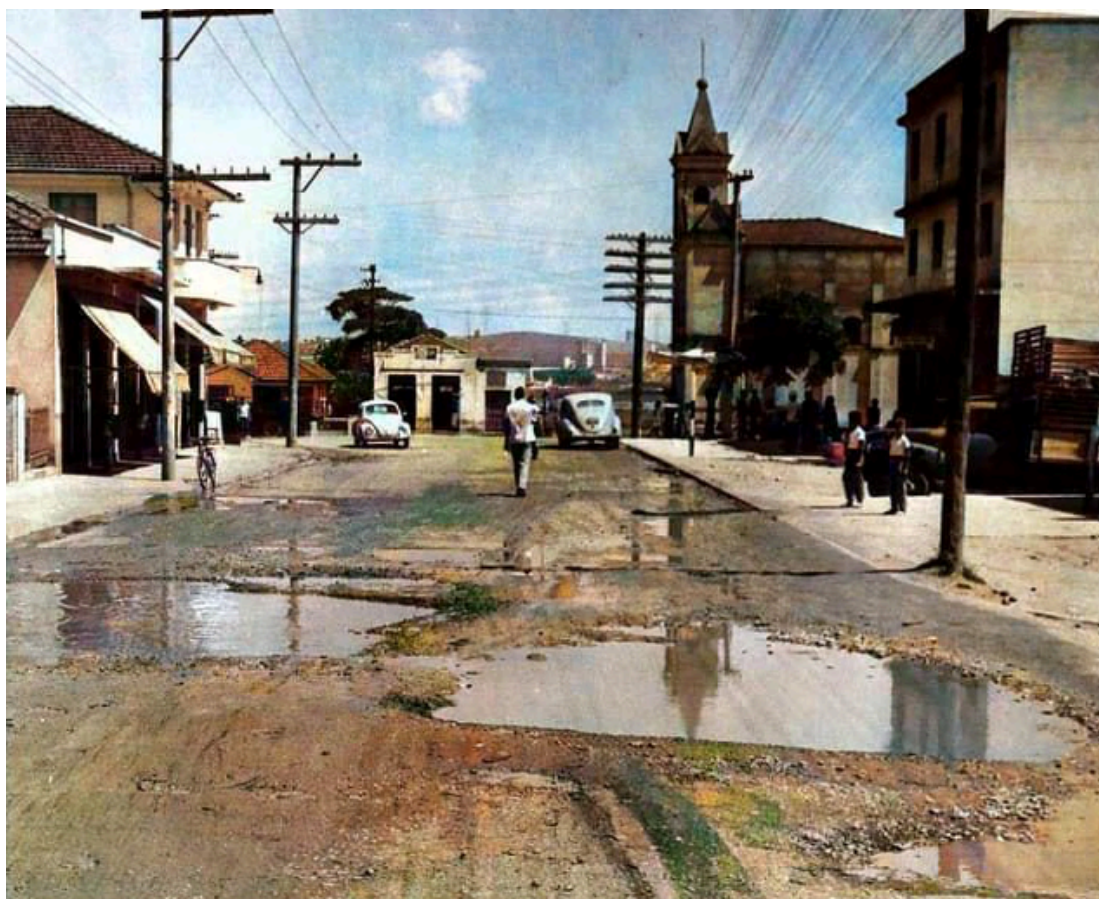


Lapa e “vilas” satélites.

Fonte: Volume 3 - Aspectos da metrópole paulista, Aroldo de Azevedo p.352

Entretanto, a partir do ano de 1962, a Vila dos Remédios presenciou um impacto significativo em relação à dinâmica político-administrativa da área, pois com a conquista da independência de Osasco, parte da área correspondente ao bairro passou a pertencer ao município recém formado de Osasco, causando diversas situações que marcam até hoje o cotidiano de seus moradores, incluindo déficits de investimento público, até movimentos separatistas de moradores insatisfeitos com a nova configuração territorial.

Figura 16: Estrada dos Remédios na década de 1960. Após a emancipação da cidade de Osasco, o lado direito da imagem passou a pertencer ao município recém formado. Já a parte da avenida que corresponde ao lado esquerdo, permaneceu no município de São Paulo.



Fonte: fonte Grupo Fotografia Em Osasco, postada por Eduardo Metroviche .

Foto 15: Avenida dos Remédios atualmente



Fonte: Produção própria, 2024.

Figura 17: Ponte de tambor destruída pela força das águas. 10/01/1963.

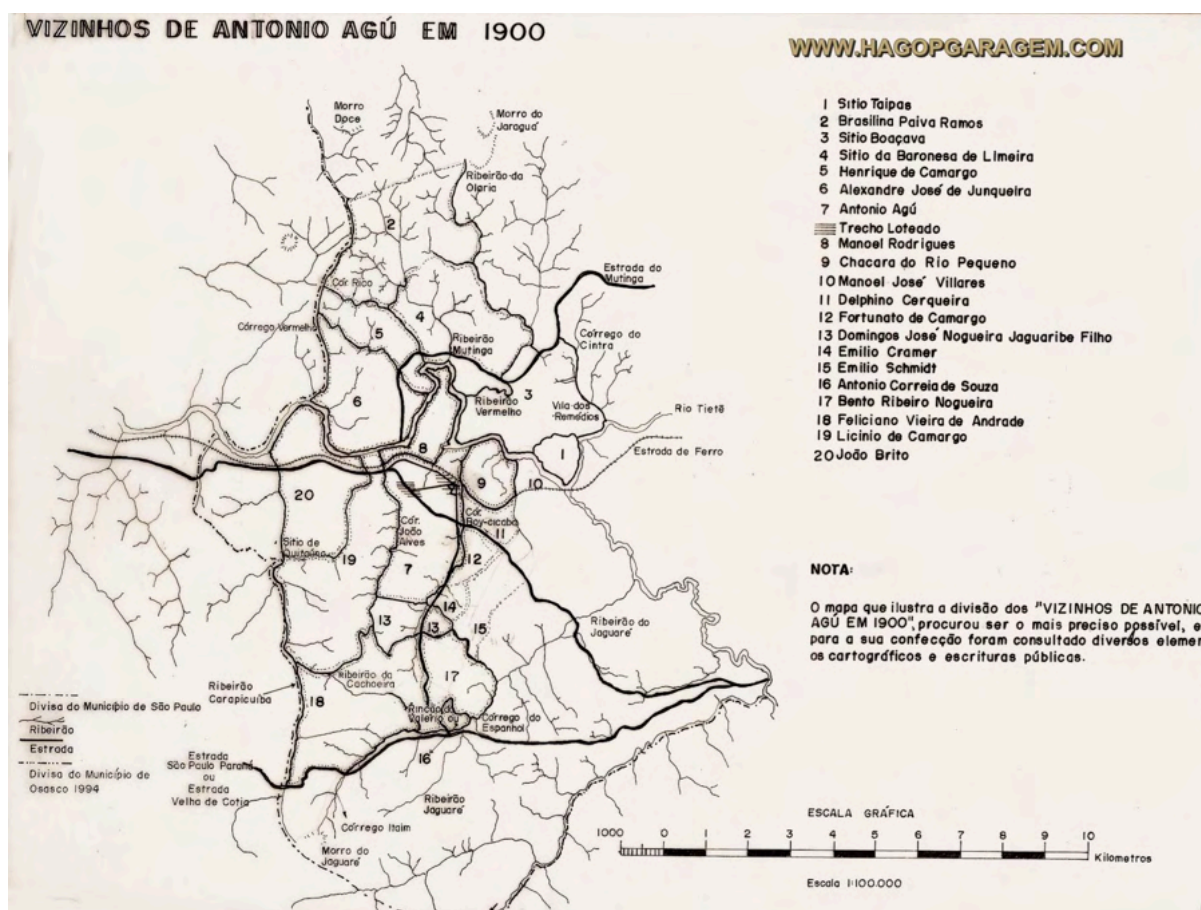


Fonte: Hagop Garagem.

CAPÍTULO 2 - O BAIRRO FRAGMENTADO: OSASQUENSE OU PAULISTANO?

A história da cidade de Osasco está diretamente ligada à trajetória de seu fundador, Antônio Agu. Primeiro a possuir propriedades legalizadas na região, sua fazenda ocupava parte significativa do território que compõe o município atualmente. Na figura abaixo, que tem intuito de representar as terras vizinhas ao do patrono osasquense, faz registro de apenas uma vila na região, sugerindo ser essa anterior a formação do próprio povoado que deu origem a cidade de Osasco.

Figura 18: É possível observarmos no mapa “Vizinhos de Antônio Agu em 1900”, uma região predominantemente rural, composta apenas por sítios e uma única vila, presente dentro da área representada no mapa como “Sítio Boaçava”, a Vila dos Remédios.



Fonte: Hagop Garagem.

De acordo com o calendário oficial da cidade de Osasco, à partir da lei 4041/06, a Vila dos Remédios comemora no terceiro domingo de junho, 162 anos desde a sua fundação, fazendo alusão a data de sua origem em 1862, reconhecendo que a ocupação da Vila é anterior à chegada de Antônio Agu ao Brasil, datada em 1877 pela Câmara dos vereadores de Osasco.

Em decorrência destes fatos, moradores que faziam parte da vila antes mesmo da emancipação do município, relataram o impacto vivenciado após esta fragmentação, na qual culminou em um movimento separatista, na qual moradores se organizaram para que a área retornasse ao seu município de origem. Conforme matéria do Jornal Popular Primeira Hora, que documentou as queixas e problemas vivenciados por seus moradores, das quais muitas ainda permanecem até hoje.

Conforme aponta a matéria sediada no site da própria prefeitura de Osasco e escrita pelo jornal popular Primeira Hora, publicado em 1991. Na edição citada, o jornalista Luís Pires registra a situação vivenciada pelos moradores do bairro:

Embora muito próxima do Centro em linha reta, a região nordeste de Osasco é a que anda mais quilômetros para chegar ao Paço Municipal. E praticamente não dispõe de ônibus que a integrem com o resto da cidade, preferindo fazer compras e se divertir em São Paulo, no bairro da Lapa ou em Pirituba. (PRIMEIRA HORA, 1991)

Além da problemática da desconexão entre as linhas de ônibus municipais de Osasco entre os bairros, o jornalista também destaca em relação ao sentimento de não-pertencimento dos moradores à própria cidade, os quais se referem ao centro de Osasco como “Osasco”, e ao centro de São Paulo como “centro”, mesmo pertencentes a outro município. Devido a estes elementos, surgiram alguns movimentos emancipatórios, composto de moradores dos bairros da região nordeste de Osasco, questionando em relação a déficits de investimentos em infraestrutura e serviços de saúde e segurança pública:

Esses fatores são a base da crise de identidade de todos os bairros a norte do Tietê, e particularmente mais grave na região Nordeste da cidade, que faz divisa com o Jaguara, bairro de São Paulo, e tem acesso mais fácil e mais meios de transportes para outros pólos da Capital, como Pirituba e Lapa, que as demais regiões de Osasco. Esta tem sido a base a partir da qual, e com epicentro da vila dos Remédios, esporadicamente surjam movimentos autonomistas da área em relação a Osasco ou pura e simplesmente a vontade difusa de reanexação à Capital (PRIMEIRA HORA, 1991)

O jornal também realizou um levantamento em relação a percepção dos moradores sobre o processo emancipatório, onde averiguou que a comunidade já estabelecida no local tinha uma “comunidade culturalmente integrada”, onde:

Esse sentimento de união começou a desaparecer a partir de fevereiro de 1962, quando Osasco conquistou sua autonomia. Embora a Vila dos Remédios formasse uma comunidade culturalmente integrada, o bairro foi dividido ao meio, ficando sua parte a leste da avenida dos Remédios sob o comando da Prefeitura paulista, e a oeste, da osasquense. (PRIMEIRA HORA, 1991)

O Primeira Hora, ao colher informações sobre os possíveis critérios que delimitam as atuais divisões entre São Paulo e Osasco, concluem que de acordo com relatos de moradores mais antigos do bairro, a infraestrutura construída pela Companhia Telefônica que balizou quais áreas pertenceriam as duas cidade, em que:

A causa da divisão arbitrária foram os interesses econômicos da CTB (Companhia Telefônica), que havia instalado alguns postes numa parte da vila dos Remédios e teria exigido que essa parte ficasse na Capital. Hoje, dividido, o velho bairro sofre dos dois lados da avenida: não é lembrado nem por São Paulo e nem por Osasco. E os moradores têm que pagar por isso. Por exemplo: “Para ligar para o outro lado da rua, tenho que pagar interurbano. É um absurdo. (PRIMEIRA HORA, 1991)

Figura 19: Anúncio da principal casa de materiais do bairro, o Romano S/A. Na imagem, há dois números de telefone: um para São Paulo e outro para Osasco.

R O M A N O S/A
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÕES
RUA ANTONIO AIROSA N.º 2 (Esquina Av. dos Remédios)
LAPA - FONES: 5-0002 S. P. OU 48-9816 E 48-9817
REDE DE OSASCO

MAIOR ESTÓQUE
MENORES PREÇOS DE SÃO PAULO

CIMENTO VOTORAN	NCr\$	4,00
CHUVEIRO LORENZETTI	»	22,80
TINTA EM PÓ 5 KILOS	»	1,60
VIGA DE PEROBA	»	0,98
AREIA LAVADA	»	9,80
APAR. LAVATÓRIO CROMADO		30,00

Prevalece o preço do dia

BREVE: NOVA LOJA NO MESMO LOCAL C/ 3.000mt²
ESTACIONAMENTO - CAFÉ E GASOLINA
FAÇA-NOS UMA VISITA

Fonte: Grupo Remédios de todos os tempos. Postada por Paulo Marcelo Pierro.

No ano de 1985, outro jornal chamado Unidade Popular, registrou a insatisfação dos moradores em pertencerem ao município de Osasco, após uma decisão da prefeitura em demolir uma ponte que fazia conexão da Zona Norte com a região central da cidade. O jornalista também faz menção à lei orgânica de municípios, e relativiza sobre os métodos utilizados para determinar a fragmentação do bairro em duas cidades diferentes:

A ponte ou a emancipação é o que o povo da Zona Norte, mais precisamente Nordeste, quer e exige. Esses bairros não pediram para integrar o município de Osasco, tanto que a divisa da cidade não obedece a um acidente geográfico, conforme determina a Lei Orgânica dos Municípios. Se não for construída uma nova ponte em substituição à do Rochdale, não lhes restará outra alternativa senão brigar pela autonomia político administrativa de toda Zona Norte, colocando assim, a divisa do município no seu devido lugar: o Tietê. (UNIDADE POPULAR, 1985).

Figura 20: Placa que marca a divisa dos municípios de São Paulo e Osasco, abaixo da Ponte dos Remédios. A direita, placa indica o início da Avenida dos Remédios.



Fonte: Produção própria, 2024.

CAPÍTULO 3 - DEPOIMENTOS OCTOGENÁRIOS DA VIDA DE BAIRO

A participação dos moradores mais antigos da Vila dos Remédios foi fundamental em todo o processo de formação dessa dissertação. Desde a escolha do tema, seleção dos elementos balizadores do estudo, validação das imagens colhidas na pesquisa e conclusões que serão posteriormente apresentadas. Foi através dessas memórias coletivas que foi possível chegar até aqui.

Partindo do pressuposto de que a construção do conhecimento é coletiva, que as vivências de seus habitantes nos levam a uma compreensão completa em relação a formação do espaço que é nosso objeto de estudo, este capítulo traz uma homenagem aos que chegaram antes. Com o registro de seus depoimentos colhidos durante o processo de escrita, de forma ímpar, nos ajudam a entender como ocorreram as transformações de um modo de vida comunitário, que já não podemos observar atualmente.

Baseado na metodologia de organização textual utilizada por Amélia Luisa Damiani que, de forma assertiva e poética, expôs os depoimentos dos moradores de Itaquera em sua tese de doutorado, agrupei de maneira semelhante e sob sua orientação, os relatos apresentados abaixo. Alternando entre os depoentes, todos octogenários e moradores do bairro há no mínimo 60 anos, apresento abaixo os temas mais marcantes em suas narrativas para nos auxiliar a compreender como se deu a vida de bairro na Vila dos Remédios. Conforme observação utilizada por Damiani:

Embora admitindo a possibilidade de interferência, no mínimo na seleção, agrupamento, entrosamento do material, produto das entrevistas não diretivas realizadas e dos jornais populares recolhidos, não é mais minha voz ou fala, nem minha escrita, ou sequer minha observação, que norteiam o discurso que segue, mas as vozes múltiplas, que ouvi. Elas é que servirão de instrumento. Concertadas, distinguidas quando se tornar necessário, para traçar os temas que os entrevistados revelaram. Nas diferenças dos diversos moradores há identidades, há pontos de vista e experiências comuns, mesmo que não necessariamente partilhadas. Agora, abre-se uma grande aspa. Eles falam. (DAMIANI, 1993, p. 226)

A chegada

Nós morávamos no Leopoldina, na rua Coronel Botelho, e morávamos de aluguel. E o meu pai tinha esse sonho de ter a casa própria e aqui, como era um bairro novo, os terrenos eram baratos. Então meu pai comprou um terreno aqui e começou construindo aos pouquinhos. Ele construiu um quarto de tijolo feito com massa de barro, algum tempo depois ele construiu de madeira uma cozinha e uma sala. E assim foi, passou alguns anos, ele continuou construindo. Construiu depois uma casa bem maior, com três quartos, duas salas, cozinha e banheiro. E o começo foi em 1948, quando nós viemos para cá, nos Remédios. O meu pai trabalhou na refinação de milho Brasil, durante mais de 30 anos e esse foi o nosso começo de vida aqui nos Remédios.

Eu vim de Ribeirão Preto em 1949, meus pais vieram porque meu pai era barbeiro, e foi o primeiro barbeiro da Vila dos Remédios, lá perto da balsa.

Eu vim em 1954, fiquei aqui um ano e dois meses, voltei pro exército, fiquei 14 meses lá e voltei pra cá de novo. O porque meu pai vendeu um tremendo de um sítio no interior eu não sei, mas ele vendeu um sítio lá. Tinha 16 mil pés de café, 10 alqueires de terra. Mas ele pensava mais nos estudos dos filhos né, os mais velhos até quebrava um galho, só que os mais novos não. Imagina, mais de onze filhos aí já viu né, minha tia e meus tios já moravam aqui e a minha avó, aí veio todo mundo.

Eu me mudei pra cá em 1956. Nós viemos pra cá e fomos morar junto com a minha tia, né, tia Nair, a irmã da minha mãe. E ela já tinha 4 filhos e meu pai veio com mais 6, foi uma dificuldade... Aí meu pai na cidade de Olímpia, ele era retireiro, aquele funcionário da fazenda que ia às 3 horas da manhã pra tirar leite do gado. Quando nós viemos aqui pra São Paulo, foi um tio, o Tio Romeu, que era casado com a Tia Alice, irmão da minha mãe, quando ele viu a situação que a gente tava lá naquela fazenda, ele falou para o meu pai: “Brasilino, qual vai ser o futuro dos seus filhos aqui? Não tem nada aqui, vamos pra São Paulo”. Aí ele convenceu a gente e nós viemos pra cá.

Ele tinha arrumado uma chácara, que era pro meu pai cuidar. Era ali pelos lados de Pinheiros, a tal chácara. Quando meu pai chegou lá e viu, a chácara era pequena e as plantações eram tudo pequena ainda. Ele era acostumado a trabalhar

e ali não tinha o que fazer. Aí ele começou a procurar serviço, como ele era peão e não tinha prática de nada, só sabia trabalhar com cavalo e com gado, ele começou a trabalhar de servente de pedreiro. Ele foi trabalhar ali na região de Pinheiros, quando começou a construção lá das mansões. Então minha mãe veio para a Vila dos Remédios pra procurar uma casa melhor e achamos uma casa na rua Álvaro Guião e a gente se mudou pra cá, em 1956. Nessa época, minha mãe começou a trabalhar numa joalheria, chamada “King”, na rua Cardeal Arco Verde.

Quando eu tava com 13 anos, ela tirou o papel do juiz pra eu ir lá trabalhar com ela. Eu parei um tempo lá de aprendiz na fábrica de joias e era uma dificuldade muito grande, porque quando chovia, era um barro tremendo pra ir pegar o ônibus lá depois do Rio, porque daqui pra lá não tinha ponte. Ela foi construída pelo prefeito Adhemar de Barros, quando foi construída a ponte de concreto. O ônibus começou a vir até o largo da igreja, só que quando chovia era aquele sacrifício...

Passou o tempo e eu fui trabalhar em Presidente Altino, na fábrica da *Ford*. E tinha uma ponte de tambor dos Remédios até Presidente Altino.

A balsa

Não tinha carro naquela época, então era só carroça e bicicleta. Então a balsa ia pra lá pegar gente que vinha da Vila Leopoldina para os Remédios, e do lado tinha o bote para quem estava com pressa para atravessar, assim, só pessoa podia ir de bote. A balsa era pra carroça, bicicleta e pessoa também a pé, né. E quem atravessava a balsa, era para trabalhar e também era pra fazer feira, porque feira era só na Lapa, aqui não tinha não. Quando eu vim, na minha época, não tinha venda ainda e nós íamos comprar mantimentos na feira da Lapa e aqui também não tinha condução, condução era só na Vila Leopoldina. Ia a pé até a Vila Leopoldina, tomar o ônibus pra ir pra Lapa e comprar mantimentos para a semana e todo domingo nós tínhamos que ir fazer compra. E quando vinha a carroça vender, vinha vender frutas e verduras. Aí depois que começou a vir da Vila Leopoldina um padeiro com uma carrocinha para vender pão e leite.

Perto da balsa tinha uma firma, o “Lona”, a “IndusLapa”, tudo de fiação. Na avenida Mofarrej era só indústria. O mais longe, trabalhava na Lapa. O resto era na

Leopoldina e Anastácio. Lá eles empregavam todo mundo e ainda saíam correndo procurando gente, era um tempo bom rapaz!

A Balsa era só pra carro, a gente passava na ponte de tambor e no botinho. Eram dois barqueiros, era um cabo de aço estendido e amarrado em uma corrente no barco e ele ia puxando a andando, e nem era pago, porque eles eram funcionários da prefeitura. Era pra ir trabalhar, pra ir pra escola.

Eu fui uma porção de vezes pra escola assim, eu estava na segunda série e ia caminhando até a Lapa sozinha. Porque aqui nos Remédios só tinha uma escola, da igreja Católica. Eram quatro séries em uma turma só. Primeira, segunda, terceira e quarta série, tudo em uma classe. Aí a professora enquanto dava aula pra uma turma, primeira e segunda série, os outros saíam pra bagunçar lá perto da igreja católica, e a gente ficava lá brincando no porão da igreja. E ela conseguiu, professora boa, Dona Ivone.

O Rio

Quantas vezes eu mergulhei naquele rio pra pegar a bola que caía na água! Porque aqui nessa nova Jaguará não tinha nada, só dois campos de futebol. Então dia de domingo, aí a turma ia jogar bola. Eu jogava na Espada de Ouro, tinha o Botafogo de Vila Jaguará, eram vários times e os campos eram encostados no Tietê. Você podia nadar no Tietê, porque a água era limpa. Do lado de cá da marginal até em cima era só mato, não tinha nada, só campos de futebol.

A Ponte

Quando tirou a balsa, fizeram uma ponte pequena, estreita, de madeira, que durou bastante tempo. Depois entrou um político aí, eu não lembro o nome dele, até deu um churrasco lá embaixo, e fez uma ponte de cimento, a gente chamava ela de “ponte magrinha”, porque era uma ponte de uma mão só. No caso, se tivesse um carro ou uma carroça do lado de lá, tinha que esperar passar para o outro ir, só que aí já tinha melhorado os Remédios.

Então era uma vida muito sacrificada porque era tudo difícil, eu ia na escola e eu ainda estudava no Leopoldina quando eu vim aqui pro Remédios. E eu pra ir pra escola que eu estudava, lá na Leopoldina, eu tinha que atravessar de bote, aqueles

bote pequeno puxado com cabo de aço e foi assim até que fizeram uma ponte de tambor, uma pontinha que só passavam pessoas. E bem mais tarde, foi feita a primeira ponte de concreto. Ela só tinha uma mão, então passava um carro e pra passar quando vinha dos Remédios pra cá, se tinha alguém no fluxo contrário tinha que esperar.

Essa ponte foi inaugurada no dia em que o meu irmão nasceu, dia 20 de setembro de 1953, faz 70 anos que inauguraram a primeira ponte. Essa ponte durou bastante tempo, depois que fizeram essa grandona, quando projetaram passar as balsas, então fizeram essas pontes aí. Mas antes era ponte de tambor, lá embaixo tinha uma ponte de tambor pra atravessar pra Presidente Altino. Aqui na Jaguará também tinha uma ponte de tambor, e quando chovia rapaz, se o vento estava muito forte você não passava.

Quando construiu a ponte, o ônibus começou a vir até a igreja e depois até o Castanha*, e depois foi até lá em cima onde vai. Aí começou a mudar, veio loteamento disso tudo aqui. Aquela parte lá embaixo, quando chovia enchia tudo de água. O Tietê vinha e enchia aquele pedaço tudo de água. E o pessoal morava lá, a gente ia lá desafogar gente. Depois que o Geraldo Alckmin fez a calha desse rio, acabou a enchente aqui. Não melhorou não, acabou mesmo. Era todo ano, e você vê que hoje, nem a marginal e nem nada você vê falar que teve enchente. Depois afundaram a calha desse rio, no governo do Alckmin. Ele foi bem franco com a gente: “Eu sei que isso não dá voto, mas eu vou fazer”. E como aliviou São Paulo, rapaz!

A Igreja

A igreja católica era um meio do povo se reunir, porque tinha as quermesses, o divertimento dos Remédios naquele tempo era a igreja. A quermesse a gente amava. Tinha uma coisa muito interessante. Tinha alto falante e as pessoas arrumam namorado pelo alto falante da igreja. Aí você, por exemplo: “fulano de tal tá mandando recado pra loirinha que tá de vestido vermelho e está falando que você é muito bonita...” Aí a outra moça ia lá no alto falante: “Eu to mandando um recado pro rapaz que está vestindo...”.

Aqui era muito bom, tinha teatrinho, naquela época a rapaziada no sábado e domingo à noite ia passear em volta da igreja. Não é que nem hoje que sai tudo longe, vai pra barzinho e aqui não fica ninguém. Nós íamos passear ali em volta da igreja, e era barro também. Tinha parque, vinha circo. Nós ficava tudo aqui nos Remédios. Quando nós namorava, as vezes nós ia na Lapa, no cinema.

Na Leopoldina de vez em quando a gente ia, eu nunca gostei de sair daqui. E todo mundo ficava ali, em frente a igreja passeando. Todo mundo se conhecia, naquela época, o bairro aqui todo mundo se conhecia.

Aqui não tinha nada

Aqui não tinha nada, não tinha perigo de nada, não tinha asfalto, nada! Essa rua aqui foi colocado um cascalho, quando o Jânio foi candidato a governador de São Paulo e o Faria Lima era o prefeito, o Jânio veio aqui nos Remédios, inclusive foi na casa do meu pai. Ali tinha um buraco e ele tinha um rabo de peixe*, estava ele e a secretária dele, a Terezinha. Estava chovendo, ele foi manobrar o carro e colocou o carro dentro daquele buraco. Aí ele arrancou o sapato e foi lá chamar a gente, o Jânio Quadros! Nós estávamos em umas 10 pessoas, levantamos ele na força e colocamos ele na estrada. Aí eu lembro que eu falei pra ele assim: “Tá vendo seu Jânio Quadros, se você ganhar pra governador, vê se lembra desse buraco!” E ele me disse: “Se eu ganhar, eu vou asfaltar toda essa vila aqui”. E asfaltou. Ele era um cara bacana.

Aqui não tinha nada. Não tinha luz, não tinha asfalto, não tinha esgoto, era poço puxado a água, tinha que puxar na mão. E aqui era muito barro, aqui nos Remédios era muito barro, porque não tinha nada de asfalto e era muito mato.

A gente era criança e brincava no meio do mato, tinha muita olaria, tinham muitas chácaras. E nós adorávamos brincar nesses lugares, pegando gabioba no mato, crista de galo e ia comendo tudo aquelas coisas. Então a gente parecia “desbravadores”, conhecendo todos esses lugares e pra gente foi muito bom. Foi uma época de sacrifício, mas uma época em que a gente era feliz, porque andava por tudo sem precisar ter medo de nada, então foi uma época muito boa...

Todo mundo se conhecia

Hoje mudou muito, mal falam um bom dia, ninguém quase olha na cara um do outro, antes todo mundo se conversava. Era bem menos gente e todo mundo se conhecia.

Era bem menos aluguel, era tudo proprietário que morava aqui no pedaço, não mudavam muito, era tudo proprietário. Agora todo mundo quase morreu, os antigos quase todos morreram, mas eu to aqui! (risos).

Depois de um tempo, aqui nos Remédios apareceu o salão de baile, era ali perto da ponte, sentido de quem vem da Leopoldina. A casa ainda está lá. Cada vez que tinha briga, os rapazes que vinham de fora eram obrigados a voltar nadando, porque às vezes a balsa ainda estava do lado de lá e eles iam nadando pra não apanhar.

Os vizinhos

As casas eram muito longe uma da outra, eram poucas casas. Então quando a gente tinha um vizinho, a gente se dava muito bem. O meu pai era o único que tinha rádio em casa, era aquele rádio a pilha e eram aquelas pilhas enormes... Tinha que ir no centro da cidade comprar.

Quando tinha jogo, vinha gente que a gente nem conhecia e parava lá na porta, na frente da casa pra escutar o jogo. Ai meu pai punha um volume bem alto, pras pessoas ouvirem, porque não era todo mundo que tinha. A televisão chegou bem depois.

O namoro

Outra coisa interessante que era assim: os rapazes faziam duas filas, e as meninas passavam no meio, daquelas filas, desfilando. A gente sempre passava de braço dado uma com a outra, naquele meio, e ali saía também muito namorado! E aí dava uma piscada, dava um sinalzinho e dali a gente saia pra conversar.

E outra coisa, as moças aqui dos Remédios não podiam namorar com rapazes de outras vilas, por exemplo, do Jaguará, do Leopoldina, da Lapa. Eles não podiam porque pegavam esse rapaz e batiam! Tocava do bairro. Então aconteceu

comigo, eu arrumava namorado da Lapa, porque eu estudava na Lapa e trabalhava na Lapa e depois o rapaz sumia. E a gente não sabia o porquê, porque eles não falavam o que tinha acontecido. Depois que a gente ficava sabendo, que eles eram banidos daqui dos Remédios. Então era aquela “gangue”, Remédios e Jaguará. Ameaçavam e batiam, eu perdi uns três namorados. Quando o rapaz ia embora, eles cercavam ele, e aqui era tudo mato. E no Jaguará era a mesma coisa. se a turma dos Remédios fosse lá, e arrumasse uma namorada do Jaguará, era tocado de lá.

O Emprego

Os empregos eram tudo no Leopoldina, porque o Leopoldina era uma cidade industrial. Era muita empresa, quase tudo era ali. Muita gente de Osasco, Carapicuíba, o trem vinha lotado. Era uma cidade mesmo, de tanta indústria que tinha ali. Era muito fácil arrumar emprego, o serviço era todo manual. Quase não tinha máquina. Era aquele serviço que a gente chamava de linha de produção. Uma cortava o fio na mão, aí passava pra outra que ia estancar os terminais naquele fio, e ia assim. Só numa sessão, que eu trabalhei, era encarregada, tinha umas duzentas moças fazendo chicote pros carros da *Volkswagen*, *Simca*, aqueles carros antigos. Então era muita gente, você saía de uma firma, você conseguia serviço no mesmo dia, em outra.

Como o serviço era tudo feito a mão, eles precisavam sempre. E vinham também, na firma que eu trabalhei, era dirigida pelos italianos, era uma firma italiana. Então vinha navios da Itália, de Portugal, com aquelas pessoas das fazendas e vinham pro Brasil trabalhar, porque naquela época tinha muita mão de obra. Então a maioria das pessoas que trabalhavam lá, eram portugueses e italianos e eles não gostavam de negros, tinham um preconceito muito grande. Eu lembro que meu chefe não me deixava contratar.

Eu trabalhei muitos anos nessa firma, eu era encarregada lá e trabalhei até casar, né. Então era um tempo bom em que as pessoas não ficavam sem emprego, era muito fácil conseguir emprego, não era nada eletrônico, então hoje em dia o que uma máquina faz, cinquenta pessoas faziam naquela época.

Quando Osasco se emancipou

Quando Osasco se emancipou não mudou nada, nós estávamos em São Paulo e em São Paulo ficamos. E a parte de Osasco mudou, assim, em termos de policiamento e essas coisas. É uma coisa interessante, naquela época a polícia tava do lado de cá, o cara cometia qualquer coisa, passava pro lado de lá, acabou. E eles não iam atrás não, era a mesma coisa como se fosse uma fronteira. Quando passava pra Osasco, acabou. Inclusive o delegado era meu primo. Eles só fiscalizavam quando passava da avenida, né. Da avenida pra cá, eles iam, da avenida pra lá, de jeito nenhum: aí pertence a Osasco.

Foi progredindo o Remédios

Aí foi o Remédios foi progredindo aos poucos, eu creio que depois dos anos 60, que ele deu uma “deslanchada”. Mas ele ficou muitos anos naquela coisa, sem ônibus, só passava a carroça do pão e do leite. E o único armazém que tinha ficava bem perto da ponte, era a “venda do Seu Quincas”.

A gente ia comprar as coisas lá. No começo, quando nós mudamos pra cá, a minha mãe ia no armazém na Leopoldina. Minha mãe mandou eu pagar a caderneta do armazém do Leopoldina, nós tivemos que atravessar de bote, aí eu vim brincando com a mão na água e perdi o dinheiro que eu tava na mão pra pagar a caderneta do mês todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a pesquisa aqui apresentada, foi possível observar como a Vila dos Remédios, um bairro que está na periferia de dois municípios de forma sincrônica, também exerceu um papel de centralidade nas cidades de São Paulo e Osasco. Já que, no início do processo de formação da propriedade privada da terra, a região que convergia um fluxo de circulação indígena, foi alvo de investimentos públicos para impedir o acesso dos nativos à cidade. Este acontecimento traz um recorte claro de como o bairro presenciou o processo de violência que foi determinante na “fundação” da cidade de São Paulo.

Este fator mostra como a estrutura de dominação não se restringiu apenas ao centro e arredores do Pateo do colégio, mas também em locais como a vila dos Remédios. Juntamente com ela, os aldeamentos indígenas espalhados por locais onde hoje estão cidades como Carapicuíba, Barueri e Santana de Parnaíba, também nos levam a compreensão de que, a formação da metrópole paulistana não se deu em forma de “mancha de óleo”, do centro até alcançar as periferias, mas sim de forma concomitante. Portanto, nos mostram que o processo de simultaneidade na ocupação destes locais, nos fazem entender como a configuração atual colaborou para os problemas desencadeados na metrópole.

Através dos depoimentos colhidos pelos moradores mais antigos da vila, foi possível entender como a vida de bairro se desenvolveu nos locais “além tietê” de forma semelhante. Os fatores como a proximidade das ferrovias e por consequência, a presença das indústrias a margem oposta do rio, favoreceram o crescimento populacional e o estabelecimento de moradias operárias, conforme aponta Odette Carvalho de Lima Seabra em artigo “Urbanização - Bairro e vida de bairro” na Revista Travessia :

A localização de indústrias ao longo das ferrovias induziu ao estabelecimento de moradias operárias nos baixos terraços e mesmo nas várzeas do Tietê, na margem oposta às ferrovias. Na Lapa de Baixo, estava a vidraçaria Santa Marina; na Água Branca, o Cortume, o Matarazzo; a fábrica de Cordas estava na Barra Funda; Camas Patentes na Ponte Pequena, entre outras. Operários pobres destas e certamente de outras indústrias, estabelecendo moradia entre sítios e chácaras foram aí formando pequenos povoados, desde a virada do século (SEABRA, 2000, p.13)

Em consequência a este processo promovido pela prefeitura, que modificou a paisagem, primeiro com a lenta retificação do Rio Tietê e, num primeiro momento, fornecendo balsas públicas e gratuitas, para realizar o traslado dos moradores. Posteriormente, construção de pontes das quais culminaram no desaparecimento do “ar caipira” vivenciado pelos moradores. Apesar de rústicas em comparação com os modais de transporte atuais, as balsas que serviam para travessia dos trabalhadores, já indicavam novos processos impulsionados pela industrialização.

Observamos também como a igreja exerceu um papel central na vida de bairro, no caso da paróquia da vila dos remédios, marcou o início de seu povoamento e era um espaço social de maior importância, na qual reunia a vida religiosa, social e muitas vezes, política dos seus habitantes. Foi em volta ou dentro das paredes da igreja que muitos de seus antigos moradores foram alfabetizados, mantinham contato com a vizinhança, se divertiam e formavam família. Através da paróquia, que a vida de bairro era consolidada:

A relação bairro-paróquia, que esteve nos fundamentos desse processo, ficou em defasagem com o crescimento urbano. O movimento interno da Igreja, que garantia sua presença nas diferentes localidades, não acompanhou a demanda do processo de urbanização. Foi possível, portanto, concluir que as paróquias consolidavam a vida de bairro e constatar, também, que era pela forma dos loteamentos de áreas rurais que a cidade crescia e que nem todos os loteamentos se tornariam bairros. Se estabelecia um desencontro entre o tempo lento de geração do bairro e a lógica do especulador mas, fundamentalmente, porque a crescente aceleração e diversificação de uso do tempo impediam a estabilidade da vida de bairro. Assim, a família tendia a perder a sua maior territorialidade que foi o bairro.”

(Seabra, 2000. p. 12)

Mediante a todos estes fatores levantados por materiais bibliográficos, imagens apresentadas e depoimentos prestados, observamos como a Vila dos Remédios, enquanto objeto de estudo, nos permite compreender diferentes processos que a metrópole paulistana atravessou. Não somente até a década de 1960, mas que culminaram nas problemáticas atuais, como as ações de investimentos seletivos do poder público, visando a especulação e o crescimento “desenfreado” da metrópole que, por consequência, direcionam a diversos problemas de infraestrutura e gestão do poder público. Desconexão entre os modais

de transporte, tráfego intenso de caminhões em áreas residenciais e má conservação das vias são reflexos de um bairro que foi dividido entre Osasco e São Paulo, num processo de emancipação que não contou com a participação popular e, atualmente, refletem problemas cotidianos vividos por moradores de uma vila de dois municípios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, **Relação de governantes/donatários - 1533 à 1821**. Disponível em:

<https://www3.al.sp.gov.br/historia/governadores-do-estado/governantes3.htm>

Acesso em: 09/03/2024

AZEVEDO, Aroldo de. **A Cidade de São Paulo - Estudos de geografia urbana. Volume 3. Aspectos da metrópole paulista**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1958

AZEVEDO, Aroldo de. **A cidade de São Paulo - Estudos de geografia urbana. Volume 1. A região de São Paulo**. São Paulo Editora S.A. São Paulo, 1958

AZEVEDO, Aroldo de. **A Cidade de São Paulo - Estudos de geografia urbana. Volume 2. A evolução urbana.** Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1958

Câmara Municipal de Osasco, 2013. **Emancipação: forma de pressão ou movimento organizado**. Disponível em:

<https://www.osasco.sp.leg.br/institucional/osasco-cidade/historia/historia-oral/emancipacao-forma-de-pressao-ou-movimento-organizado>

Acesso em: 21/05/2023

Câmara Municipal de Osasco, 2013. **Uma região que cozinha a ideia de separação**. Disponível em:

<https://www.osasco.sp.leg.br/institucional/osasco-cidade/historia/historia-oral/uma-regiao-que-cozinha-a-ideia-da-separacao>

Acesso em: 21/05/2023

Câmara Municipal de Osasco, 2017. **Osasco comemora o aniversário de seu fundador**. Disponível em:

<https://www.osasco.sp.leg.br/institucional/noticias/osasco-comemora-o-aniversario-de-seu-fundador>

Acesso em: 19/05/2023

Câmara Municipal de Osasco, 2013. **Igreja esconde uma história centenária.** Disponível em:

<https://www.osasco.sp.leg.br/institucional/osasco-cidade/historia/historia-oral/igreja-e-sconde-uma-historia-centenaria>

Acesso em: 19/05/2023

Cidade de São Paulo, Urbanismo e licenciamento, 1943. **Planta da cidade de São Paulo e municípios circunvizinhos.** Disponível em:

http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1943.jpg

Consultado em: 23/05/2023

DAMIANI, Amélia Luisa. **A cidade (des)ordenada: concepção e cotidiano do conjunto habitacional Itaquera I.** Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993

Gestão Urbana SP, 2016. **Prefeitura disponibiliza mapa histórico de 1930 no Geosampa.** Disponível em:

<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/noticias/prefeitura-disponibiliza-mapa-historico-de-1930-no-geosampa/>

Acesso em: 23/05/2023

Hagop garagem, 2023. **Mapa Os vizinhos de Antônio Agu.** Disponível em:

http://www.hagopgaragem.com.br/osasco/mapas_documentos/5mapa_1900_GR.jpg

Acesso em: 12/05/2023

LANGENBUCH, Juergen. **A estruturação da grande São Paulo - Estudo de geografia urbana.** Rio Claro, 1968.

Osasco Agora, 2008. **Vila dos Remédios comemora 146 anos de fundação.**

Disponível em:

<https://www.osascoagora.com.br/vila-dos-remedios-comemora-146-anos-de-fundacao/>

Acesso em: 19/05/2023

PETRONE, Pasquale. **Aldeamentos paulistas.** Editora USP. São Paulo, 1995.

SANTOS, Milton Almeida Dos. **Metrópole corporativa fragmentada, o caso de São Paulo**. Editora Nobel. São Paulo, 1990.

SANTOS, Wanderley. **Lapa: História dos bairros de São Paulo**. São Paulo. Departamento do Patrimônio Histórico. 1980.

São Paulo Antiga, 2017. **Mapa da Lapa em 1891**. Disponível em:
https://saopauloantiga.com.br/wp-content/uploads/2017/01/mapadalapa_1891.jpg
Acesso em: 23/05/2023

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Urbanização Bairro e vida de bairro**. Revista Travessia. São Paulo, 2000.

TORRES, Francisco Rodrigues. **A fazenda geral dos jesuítas e o monopólio da passagem do Cubatão 1553-1748**. Dissertação de mestrado. (História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.